

## Sexualidade infantil, objeto-amor primário e a significância antropológica do complexo de Édipo: relendo “Sobre a sexualidade feminina” de Freud\*

Philippe Van Haute

Université de Nimègue, Pays-Bas

E-mail: philippe.van.haute@skynet.be

**Resumo:** Este artigo é uma tentativa de mostrar por que e em que termos o famoso artigo de Freud “Sobre a sexualidade feminina” pode ainda ser uma fonte de inspiração para uma metapsicologia contemporânea. Nesse texto, Freud reconhece, pela primeira vez, a importância da ligação da criança à sua mãe. Tanto Balint como Bowlby consideram esse texto precursor distante de suas próprias teorias sobre, respectivamente, o objeto de amor primário e o vínculo primário. Ao mesmo tempo, o texto de Freud contém alguns elementos de uma “teoria da sedução generalizada” tal como foi desenvolvida nas últimas décadas por Jean Laplanche. Sendo assim, “Sobre a sexualidade feminina” se apresenta como o ponto de partida perfeito para uma discussão da relação entre vínculo e sexualidade. Com base na leitura do texto de Freud, argumenta-se que a subjetividade humana é caracterizada pela falta de sintonia entre o mundo do adulto e o mundo da criança. Esse *insight* permite uma reformulação da significância antropológica do complexo de Édipo e de castração. Eles não são mais interpretados como problemas universais que toda criança tem de enfrentar, mas como soluções históricas e contingentes

---

\* Este texto é uma versão resumida do artigo “Infantile sexuality, primary object-love and the anthropological significance of the Oedipus complex: Re-reading Freud’s ‘Female sexuality’”, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, v. 86, n. 6, pp. 1661-78, dezembro de 2005. Agradecemos ao *IJP* a autorização para sua publicação em *Natureza humana*. Tradução de João José R. L. Almeida (Unioeste). Revisão técnica de Caesar Souza (PUC-RS) e Valéria Moura Venturella (PUC-RS).

para a falta de sintonia entre a criança e o adulto, que é essencial para a subjetividade humana.

**Palavras-chave:** sexualidade feminina; objeto de amor primário; complexo de Édipo; complexo de castração; sedução; confusão de línguas.

**Abstract:** This article is an attempt to show why and in what respect Freud's famous article, 'On female sexuality' can still be a source of inspiration for a contemporary meta-psychology. In this text, Freud acknowledges the importance of the child's tie to its mother for the first time. Both Balint and Bowlby consider this text to be a distant forerunner of their own theories on primary object-love and attachment respectively. At the same time, Freud's text contains some elements of a 'theory of generalized seduction' as it was developed in the last decades by Jean Laplanche. 'On female sexuality' therefore presents itself as the perfect point of departure for a discussion of the relation between attachment and sexuality. Based on our reading of Freud's text, we argue that human subjectivity is characterized by the lack of attunement between the world of the adult and the world of the child. This insight allows for a reformulation of the anthropological significance of the Oedipus- and the castration complex. They are no longer interpreted as universal problems that every child has to face, but as historical and contingent solutions to the lack of attunement between the child and the adult that is essential to human subjectivity.

**Key-words:** female sexuality; primary object-love; Oedipus complex; castration complex, seduction; confusion of tongues; seduction.

## Introdução

“Sobre a sexualidade feminina” [Feminilidade, na Standard Edition Brasileira] (Freud 1931) é um dos textos mais controversos de Freud. Ele tem sido severamente criticado dentro e fora do movimento

psicanalítico. Pensadores feministas repetiram, vez por outra – e não sem razão –, que as visões de Freud sobre o tópico eram uma expressão preconceituosa de uma cultura na qual os homens dominavam as mulheres (Mitchell 1974). Além disso, suas teorias careciam de qualquer fundamento empírico. Outros, por sua vez, rejeitavam as inclinações biologistas das teorias de Freud sobre a feminilidade. Tão justificadas quanto possam ser estas e outras críticas, todas elas levam muito rápido a uma rejeição absoluta deste e de outros textos similares sobre o tópico. Entretanto, à parte a doutrina “oficial” sobre a feminilidade, o complexo de Édipo e de castração, “Sobre a sexualidade feminina” também contém sugestões interessantes que parecem contradizer essa doutrina ou que, pelo menos, precisariam reformulá-la. Uma leitura detalhada de “Sobre a sexualidade feminina” nos força quase que a ler Freud contra Freud.

A fim de realizar isso, em primeiro lugar, vou comparar as visões de Freud sobre o período pré-edípico em “Sobre a sexualidade feminina” com a teoria do “amor-objeto primário” de Balint. Discutirei, então, a relação entre amor-objeto primário e sexualidade infantil. Essa discussão inclui um confronto entre as visões de Freud sobre o tópico e as de Balint e Laplanche. O confronto também permite uma reavaliação do estatuto metapsicológico do complexo de Édipo e de castração em “Sobre a sexualidade feminina”. Concluo minha exposição com algumas observações críticas sobre a suposta universalidade desses complexos.

## Relendo “Sobre a sexualidade feminina”

### *A relação com a mãe em Freud e Balint*

“Sobre a sexualidade feminina” é o primeiro texto no qual Freud sublinha inequivocamente a importância da relação original com a mãe. Aqui a sexualidade feminina coloca Freud no caminho correto. De acordo com ele, a sexualidade feminina se caracteriza por duas tarefas que a

diferenciam da sexualidade masculina (1931, p. 225). Por uma parte, a mulher deve substituir a zona genital mais importante da sua infância, o clitóris, pela vagina. Por outra, ela também deve trocar o objeto original, a mãe, pelo pai. O que é surpreendente nisto, continua Freud, é que as mulheres com ligação intensa com o pai – e há muitas – vivenciaram um período, na sua primeira infância, no qual a sua ligação exclusiva à mãe era tão intensa quanto a sua posterior ligação ao pai (ibid., p. 225). Freud acrescenta que a duração dessa ligação exclusiva com a mãe sempre foi subestimada. Ela pode durar até aos quatro ou cinco anos de idade (ibid., p. 226). Como resultado, o período pré-edípico ganha um significado decisivo para o desenvolvimento da sexualidade feminina. Sua descoberta, escreve Freud, é tão surpreendente quanto a da cultura mino-micénica “por detrás” da cultura grega (ibid., p. 226).

Conquanto Freud saliente principalmente o significado desse período para as mulheres, está claro que ele é igualmente significativo e tem o mesmo sentido para ambos os sexos em pelo menos um aspecto. As determinações fundamentais da escolha de objeto são, apesar de tudo, de acordo com Freud, idênticas para ambos os sexos (ibid., p. 228). A maneira pela qual Freud descreve o problema das escolhas de objeto no período pré-edípico é sexualmente indeterminada. Com certeza, o resultado desse período é diferente para a menina em relação ao menino. Entretanto, Freud sustenta que, com a exceção da castração, todas as desilusões que o relacionamento com a mãe reserva para a menininha, e que também devem explicar por que a criança troca a mãe pelo pai como objeto de amor (*love-object*), valem para ambos os sexos (ibid., pp. 234-235; ver também 1933, pp. 117-119).

A mãe é o primeiro objeto de amor da pequena criança. De acordo com Freud, a criança se torna ligada à mãe – e àqueles que, em geral, tomam conta da criança e cuja figura “se mistura” com a da mãe – porque a criança é dependente dela para a alimentação e o cuidado (1931, p. 228; 1933, p. 118). A ligação ao primeiro objeto é, neste sentido, primariamente um problema do impulso de autopreservação do qual a criança se deriva

ontogeneticamente. A ligação é, portanto, um fenômeno secundário. De acordo com Freud, a criança se torna ligada à mãe (e ao ambiente de cuidado) *porque* precisa dela para sobreviver. Ao mesmo tempo, Freud ressalta a natureza sexual do primeiro laço com a mãe. Em outras palavras, tanto a relação com a mãe quanto a satisfação que a criança extrai dela são determinadas pelas fases libidinais pelas quais a pequena criança passa (ibid., p. 236). A crítica levantada por Bowlby e pelos teóricos da vinculação contra esta visão é bem conhecida: a ligação é, de acordo com eles, um fenômeno primário e filogeneticamente determinado; sua motivação não deve ser buscada na história de vida individual. Estar vinculado a algo ou alguém é uma coisa inteiramente diferente de ser dependente dele(s). Por exemplo, as crianças podem também estar vinculadas a pessoas que não são responsáveis pela satisfação das suas necessidades ou a pais que abusam delas ou as negligenciam (Bowlby 1969; Fonagy 2001). A vinculação, sobretudo, não é de natureza sexual. Bowlby e seus seguidores demonstraram convincentemente que a vinculação e a sexualidade são dois sistemas comportamentais diferentes – ainda que estreitamente relacionados (Bowlby 1969, p. 233; Fonagy 2001, pp. 9-10).

Nós sabemos que, para Freud, a fase pré-edípica carrega mais peso no caso da menininha do que no caso do menininho (1931, p. 230). Já estamos familiarizados com os argumentos clínicos de Freud a favor desse ponto de vista. Numa análise mais cuidadosa, a forte vinculação ao pai encontrada em muitas mulheres pode ser buscada em uma forte ligação maternal que a precedeu. O argumento fundamental de Freud, no entanto, como muitas vezes é o caso, não é clínico, mas teórico. Ao contrário dos homens, as mulheres enfrentam a tarefa de ter de trocar o objeto-mãe pelo objeto-pai. As razões para a substituição não podem ser buscadas na problemática edípica, porque o período pré-edípico é o que marca, precisamente, o começo desse episódio. Este período deve, por conseguinte, tornar alguma coisa possível para a menininha – a troca de objeto –, o que não é necessário para o menino. Freud, então, vai procurar as razões dessa troca na desilusão que inevitavelmente acompanha o

relacionamento original com a mãe e na hostilidade que dela decorre. Ele conecta essa hostilidade com o que chama de “a insatisfação geral” das crianças (ibid., p. 234). Por um lado, o amor infantil não conhece limites e demanda a posse exclusiva do objeto. Ele o quer totalmente. Por outro lado, esse amor não tem uma finalidade real. Ele é incapaz de satisfação completa (orgástica). É condenado, portanto, a terminar em desapontamento (ibid., p. 231). Freud, ademais, menciona a repreensão comum de que “a mãe deu à criança muito pouco leite” e de que ela não a sugou por bastante tempo. Em nossa cultura, escreve Freud, essa queixa pode muitas vezes ser verdadeira, mas, provavelmente, ela é também comum nas culturas nas quais as crianças são desmamadas bem mais tarde. Em outras palavras, a libido infantil nunca tem o suficiente (ibid., p. 231). Conseqüentemente, o desengano não se deve a fatores externos. A relação original com a mãe é, propriamente, e por razões estruturais, insatisfatória.

Michael e Alice Balint aproveitam essas passagens para introduzir a noção de “amor-objeto primário” (M. Balint 1937, pp. 91 ss). Esse objeto de amor primário é um estágio inevitável e necessário do desenvolvimento psíquico. É um fenômeno original que não pode ser extraído de outra coisa – da satisfação do impulso de autopreservação, por exemplo. Ele é determinante para todas as relações-objeto (*object-relations*) posteriores (ibid., p. 101). O amor-objeto primário é não somente a forma mais arcaica de ligação com a mãe (A. Balint 1939, p. 123), mas também característica da relação da mãe com o seu bebê (ibid., p. 120). De fato, essa vinculação primitiva tem uma base biológica na dependência mútua da mãe e do bebê (M. Balint 1937, p. 102). A gravidez e o parto, assim como também o contato físico amoroso com o bebê, são, de acordo com Alice e Michael Balint, anseios instintivos da mãe satisfeitos com a ajuda do bebê recém-nascido: “A proximidade física, durando o maior tempo possível, é prazerosa tanto para a mãe quanto para o bebê” (A. Balint 1939, p. 119).

A relação primitiva com a mãe é governada pelo princípio de que “o que é bom para mim, também é bom para você”, que não faz distinção

entre o auto-interesse e o interesse do outro. O amor-objeto primitivo não aceita reivindicações do objeto que enfraqueçam a suposta harmonia e que, desse modo, introduziriam o princípio de realidade. Pelo contrário, tais reivindicações levam a severos ataques de ansiedade e acessos de cólera (M. Balint 1937, p. 100). Michael Balint liga esse amor-objeto primário que não tolera frustrações à visão de Freud de que a libido infantil nunca tem o suficiente e de que a mãe nunca deu bastante leite (ibid., p. 91). Ele concorda com Freud que a relação original com a mãe é inevitavelmente insatisfatória.

Existem, contudo, importantes diferenças. Menciono apenas uma. E quando Balint escreve que a satisfação das necessidades instintivas do bebê nunca vai além do nível do prazer-prévio, ele compreende por prazer-prévio – de modo contrário a Freud e inspirado pela distinção de Ferenczi entre uma linguagem (infantil) de ternura e uma linguagem (adulta) de paixão (Ferenczi 1933) – não uma forma menor de prazer final (orgástico). Ao contrário, o prazer-prévio opera de acordo com o seu próprio regime e dinâmica. É da ordem da brincadeira (M. Balint 1936; Ferenczi 1933). Ele é, diz Balint, “uma tranqüila e quieta sensação de bem-estar” (M. Balint 1936, p. 84) que, em princípio, pode continuar para sempre.

De acordo com Balint, o amor primário não é, portanto, sexual no sentido estritamente freudiano da palavra. Freud quer explicar por que a menina troca a mãe pelo pai como objeto de amor. Para fazê-lo, ele se refere, em última instância, a uma “insatisfação *geral*” e uma hostilidade para com o objeto que nos desaponta. No mesmo caminho, Freud escreve que a ligação com a mãe é arruinada porque foi a primeira e, portanto, a mais intensa: um grande amor é assistido inevitavelmente por um grande ódio (1931, p. 234). A mudança de afeto na relação original com a mãe dá origem à ambivalência que inevitavelmente – “naturalmente” – caracteriza a vida instintiva arcaica de meninos e meninas. O que então, de acordo com Freud, explica o resultado diferente do período pré-edípico para o menino e para a menina?

*O complexo de castração e de Édipo em “Sobre a sexualidade feminina”*

Todas as razões que Freud dá para a hostilidade, que inevitavelmente invade o relacionamento entre mãe e filha, também se aplicam ao menino. Tal como a noção de Balint de amor-objeto primário, a discussão de Freud do período pré-edípico é sexualmente indeterminada. No início, não há nenhuma diferença entre meninos e meninas. De acordo com Freud, isto muda somente com a percepção crescente de que as meninas não têm pênis. Isso significa que a castração é o único fator que determina o curso divergente do complexo de Édipo em meninos e meninas. O motivo mais forte, anota Freud, para a menina afastar-se da mãe, é a percepção de que aquela falhou em dar ao bebê um órgão sexual adequado. A menina interpreta a castração como um ato injusto que a mãe lhe infligiu (ibid., p. 234). Isso explica por que, daí em diante, ela se voltará para o pai a fim de tentar obter o que lhe falta. Assim, a desilusão que caracteriza a relação de meninos e meninas com a mãe só pode ser uma razão suficiente para que a menina se afaste da mãe pela perspectiva da castração, isto é, sobre a base de uma interpretação deferida (*nachträglich*) (ibid., p. 237).

O que isso quer dizer com relação ao estado metapsicológico da castração? Como já sabemos, Freud escreve que toda a razão possível para justificar a hostilidade da menina em relação à sua mãe é, na realidade, insuficiente. Ou ela decorre da própria natureza da sexualidade infantil e, por conseguinte, não é suficientemente específica, ou é uma racionalização que explica a mudança de afeto (ibid., p. 234) que origina a ambivalência que caracteriza a vida instintiva arcaica. *Desse modo, a hostilidade em relação à mãe torna-se um dado último que não permite análise adicional* (1931, p. 235). Naturalmente, isso não isenta o bebê de ter de dar um lugar em sua vida psíquica para essa hostilidade primitiva.

Freud não especifica qual das explicações mencionadas para se afastar da mãe ele considera ser *racionalização*. Mas seria audacioso demais enunciar que a problemática da castração – e, por extensão, o complexo de Édipo – cai sob essa rubrica? Será que a castração não é uma racionalização

para a ambivalência arcaica que Freud invoca como explicação última para a hostilidade do bebê em relação à mãe? A castração fornece, na realidade, *uma razão* – no sentido da *Nachträglichkeit* ou *après coup* – para a hostilidade da menina em relação à mãe que, de outro modo, permaneceria como um “impulso instintivo obscuro” que o bebê não pode compreender (ibid., p. 237). A castração fornece uma resposta para o problema que a menina não poderia resolver e diante do qual ela poderia permanecer inicialmente meramente passiva. Ela já é, em outras palavras, uma tradução (defensiva) de um problema mais fundamental – a hostilidade em relação à mãe – que, de acordo com a minha leitura do texto de Freud, compõe o núcleo real do inconsciente. Liguei essa hostilidade antes à idéia de uma “insatisfação geral das crianças”, que tem um papel crucial nos trabalhos de Freud e de Balint (Freud 1931, p. 231; M. Balint 1937, p. 91).

O que vale para a problemática da castração talvez se aplique igualmente ao complexo de Édipo (feminino), que ela inicia. Freud escreve que a atitude hostil em relação à mãe não resulta de uma rivalidade edípica, mas provém, ao contrário, do período precedente. A atitude hostil é “reforçada e explorada” pela rivalidade edípica (1931, p. 231). De particular importância é a referência ao fato de que a hostilidade original é “explorada”. Freud está se referindo a uma hostilidade que tem origem na própria vida instintiva arcaica e que é incompreensível “no momento exato da sua ocorrência” (ibid., p. 237). Será que a rivalidade edípica não torna precisamente essa hostilidade “explorável psiquicamente” ao fornecer para ela uma explicação: “eu odeio minha mãe porque ela possui o meu pai”? A rivalidade edípica “conecta” um ódio mais original, dando para ele um lugar na vida psíquica. Tal como foi antes mencionado, de acordo com Freud, os primeiros impulsos instintivos só se tornam conscientes e obtêm um sentido psíquico através da sua interpretação deferida (*nachträgliche*) (ibid., p. 237). Desse modo, a rivalidade edípica das meninas aparece como uma tradução (defensiva) de um problema que tem origem na própria vida instintiva.

## Reflexões adicionais relativas ao *status* metapsicológico do complexo de castração e do complexo de Édipo: Freud, Balint e Laplanche

### *“Sedução” em “Sobre a sexualidade feminina”*

Essa linha de pensamento, de acordo com a qual o complexo de Édipo é uma resposta para um problema mais fundamental, tem sido desenvolvida nos últimos anos de uma maneira muito interessante por Jean Laplanche no contexto de sua teoria de uma “sedução original e generalizada”. A noção de uma sedução original e estrutural refere-se ao fato de que o adulto, sem querer – e freqüentemente sem perceber –, envia mensagens sexuais para o bebê numa idade na qual ele ainda não possui as capacidades intelectuais, físicas e afetivas para compreendê-las. Quando banhamos e acariciamos um bebê, estamos envolvidos como sujeitos corporais cuja vivência do corpo está inevitavelmente embebida com significado sexual consciente e inconsciente. Para dar um exemplo: aqueles que experienciam as aberturas corporais ou as zonas genitais como “repulsivas” cuidarão dos seus filhos de maneira diferente daqueles que pensam que a masturbação é o meio apropriado para manter seus filhos calmos ou fazê-los dormir. Uma mãe grávida comunica uma mensagem sexual ao seu filho, mas que ele não compreende e deve, assim mesmo, tentar processar (Laplanche 1992, pp. 126-7).

No entanto, Laplanche não somente enfatiza a impossibilidade, para a criança, de dar resposta adequada a essas mensagens, mas também ressalta o caráter impenetrável dessas mensagens para o próprio adulto (Laplanche 1989, p. 126). Esse é o motivo pelo qual Laplanche as denomina “enigmas”, em vez de “charadas”. Diferente de “charadas”, para as quais pelo menos uma das partes envolvidas conhece a resposta correta, o sentido do enigma não é claro tanto para o que envia como para o que recebe.

A criança deve traduzir essas mensagens para uma linguagem que ela compreende. Em termos freudianos, poderíamos dizer que ela

deve tornar essas mensagens enigmáticas “psiquicamente exploráveis”, fornecendo para elas uma explicação. Não poderíamos, obviamente, concluir disso tudo que Laplanche e Freud estão dizendo exatamente a mesma coisa. As mensagens enigmáticas de que fala Laplanche provêm basicamente do outro (o mundo do adulto), e este, obviamente, não é o caso da hostilidade fundamental em relação à mãe a que Freud se refere. A sedução original, assim, refere-se à idéia de uma assimetria constitutiva entre a sexualidade adulta e a infantil, que já foi fortemente enfatizada por Ferenczi e os Balint.

Seria, entretanto, um erro dizer que o tema da sedução está completamente ausente de “Sobre a sexualidade feminina”. Nesse texto, Freud, na verdade, chama a mãe de “a primeira sedutora” (Freud 1905; Freud 1931, pp. 232 e 238). Na interação dos cuidados com o bebê, a mãe – mas também a ama-de-leite ou a babá, por exemplo – não pode evitar despertar a vivência de prazer em várias zonas erotogênicas, em particular na zona genital. O bebê, então, tenta repetir autonomamente essa vivência de prazer. De acordo com Freud, essa é uma das razões por que a relação original com a mãe é inevitavelmente frustrante para meninos e meninas. Ao despertar a sexualidade infantil e a vivência de prazer, a mãe evoca uma esperança de satisfação para a qual a criança ainda não está capacitada (Freud 1931, pp. 231-232). Segundo Freud, a sexualidade infantil é, afinal de contas, sem objetivo: desconhece a liberação orgásmica (ibid., p. 231).

Não podemos deduzir disso que Freud (como Laplanche) enfoca sua atenção sistematicamente sobre a influência e o impacto da sexualidade adulta (parental) sobre os filhos. Pelo contrário, em “Sobre a sexualidade feminina”, Freud defende, de fato, uma visão “fisiológica” da sedução pela mãe. A mãe somente gera a vivência infantil de prazer de maneira externa, que então continua a desenvolver-se autonomamente. Em outros termos, a mãe não parece aqui estar envolvida com a sua própria sexualidade, mas serve somente como um catalisador da sexualidade infantil. É como se Freud presumisse que a mãe só tem na mente as necessidades vitais

do bebê quando as satisfaz. Como se o envolvimento da mãe e, mais em geral, o do adulto com o bebê não fossem também sempre determinados pela própria vivência de sexualidade dos pais.

O próprio Freud tematizou o envolvimento sexual da mãe em várias ocasiões. Ele escreve, por exemplo, nos *Três Ensaio*s:

[...] ainda mais porque essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija, e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (Freud 1905, p. 156)

E também em “Sobre a sexualidade feminina”, ele deixa uma abertura para uma interpretação menos “fisiológica” da sedução materna. Freud, na verdade, escreve nesse texto que a primeira relação com a mãe não é frustrante somente porque a mãe cria uma expectativa de uma vivência de prazer para a qual o bebê não está capacitado. Ela também é frustrante porque a satisfação auto-erótica que o cuidado materno evoca é simultaneamente proibida. Freud atesta que a proibição da masturbação afeta meninos e meninas e tem o mesmo efeito em ambos: cria a hostilidade em relação à mãe (Freud 1931, p. 232).

Nesse contexto, torna-se um fato da maior importância perceber que, segundo Freud, a masturbação que é proibida pela mãe ainda não vem acompanhada de fantasias (edípicas) (ibid., p. 232). A masturbação, ele escreve em “Sobre a sexualidade feminina”, é originalmente “desacompanhada de fantasia”. As fantasias edípicas só aparecem depois, na fase fálica (ibid., p. 239).

Mas por que a mãe proíbe a masturbação infantil se esta não está ligada intrinsecamente com fantasias (edípicas ou outras)? Do ponto de vista da sexualidade infantil, não há de fato nenhuma razão para instituir essa proibição. Se isso estiver correto, essa proibição não se referiria inevitavelmente a problemas da sexualidade adulta? Quando um adulto, por exemplo, sente-se constrangido pelo confronto com a masturbação infantil, e por isso a proíbe, esse constrangimento (e, por conseguinte, a

proibição) tem origem na maneira como ele vive sua própria sexualidade. Na e através da proibição da masturbação, o bebê é, em outras palavras, confrontado com um mundo de sentidos que não tem lugar na vivência infantil de prazer. Colocando de maneira diferente, a proibição da masturbação introduz um mundo de sentidos para a criança – a sexualidade adulta dominada pela culpa, orgásmica e passional – para o qual ainda não está preparada. Mas essa “contaminação” é devida somente à proibição da masturbação? Será que a mãe – o adulto em geral – pode impedir que esses significados – que se originam das suas próprias vivências conscientes ou inconscientes da sexualidade – desempenhem um papel no contato corporal com a criança? Mesmo os mais “inocentes” carinhos, escreve Balint, são essencialmente atos sexuais que causam excitação sexual e expressam a sexualidade genital adulta (M. Balint 1932, p. 160).

É nesse sentido que Laplanche fala de uma “sedução original” e de uma assimetria constitutiva entre a sexualidade adulta e a infantil (Laplanche 1989, pp. 89-151; Laplanche 1992). Segundo Laplanche, essa assimetria é um *a priori* antropológico – por isso, “sedução *original*” – que caracteriza a natureza humana como tal (Laplanche 1989, p. 124). A proibição da masturbação não é talvez tão “traumatizante” por malograr uma antiga “promessa” (Freud), mas porque a criança estaria, dessa forma, exposta a paixões (sexuais) do adulto que ela ainda não compreende.

### *A sedução na obra de Balint*

Este é provavelmente um bom lugar para retornar ao trabalho de Michael e Alice Balint sobre “Amor-objeto primário”. Já mencionei que a relação original com a mãe é inevitavelmente decepcionante por causa da ausência do princípio de realidade; no entanto, Alice Balint fornece uma razão adicional de particular importância para a nossa discussão (A. Balint 1939). A relação entre mãe e bebê é, na verdade, do ponto de vista estrutural, não simplesmente recíproca. Mesmo que o bebê preencha

os anseios instintivos da mãe, toda criança pode, segundo Alice Balint, ser, em princípio, substituída por outra. O inverso, entretanto, não é o caso: “A mãe é única e insubstituível” (ibid., p. 122). Desta maneira, insere-se uma assimetria fundamental na relação original com a mãe, que pode perfeitamente ser a razão estrutural e subjacente pela qual esta não pode senão terminar em desapontamento.

Qual é a conexão entre a assimetria que Alice Balint tematiza e a desigualdade entre o regime (infantil) de prazer-prévio, a que Balint se refere como uma das características do amor-objeto primário, por um lado, e o prazer-final (adulto), mencionado anteriormente? O prazer-prévio é da ordem da brincadeira e não conhece a liberação orgásmica. Ele pode, em princípio, seguir para sempre. Ele é também idêntico para ambos os sexos. O prazer-final, por outro lado, tem, segundo Michael Balint, um caráter dramático e até trágico. Ele não pode continuar indefinidamente e está associado com uma zona erotogênica específica. O caráter dramático do prazer-final está, em primeiro lugar, vinculado ao fato de que tem duas formas distintas dependendo do sexo; e, em segundo lugar, ao fato de que a sexualidade adulta (genital) está inevitavelmente acompanhada de agressividade e sentimentos de culpa (M. Balint 1936).

Desta forma, a substitutividade fundamental da criança aparece sob uma luz diferente. Por que o desejo da mãe se dirigiria a “outras crianças”? A mãe não deseja também o pai, ou outros homens e mulheres, por exemplo? Isso não implica que o bebê já está, dentro da relação de vínculo, confrontado com sentidos que ele não compreende e que têm influência na sexualidade adulta, no regime de prazer-final, em outras palavras? E mais, pode-se evitar que esses sentidos tenham um impacto nas relações fundamentalmente corporais da mãe com o bebê? O prazer-prévio infantil não é carregado de culpa e é idêntico entre meninos e meninas. Ele desconhece a diferença sexual (ibid., p. 79). Mas isso é também verdadeiro para a mãe que cuida e afaga o seu bebê? Alice Balint parece duvidar disso. Ela escreve, por exemplo, que o significado sexual do bebê cessa de existir para a mãe muito antes de ele alcançar a maturidade sexual, isso

é, muito antes de ele poder tornar-se um parceiro potencial para a mãe (1939, p. 121). Michael Balint acrescenta que os pais sobrevivem a uma parte importante da sua própria sexualidade reprimida no relacionamento com seus filhos (1932, p. 161). Poderia ser afirmado de maneira mais clara que amor-objeto primário e o vínculo – mesmo que eles tenham suas próprias dinâmicas e possam ser teoricamente distinguidos da sexualidade – são inevitavelmente complicados pela presença de sentidos sexuais introduzidos pela mãe. Encontramos aqui mais uma vez a problemática da sedução tal como ela tem sido extensivamente tematizada por Jean Laplanche (Laplanche 1989).

*Uma hipótese sobre o significado antropológico do complexo de Édipo e de castração: Laplanche e Balint*

Nossa leitura de Balint nos ensinou que o amor-objeto primário não pode ser compreendido de maneira independente de uma “sedução original”. A assimetria que o governa está fora dele e necessariamente ligada à assimetria entre o bebê e o adulto que caracteriza a sexualidade humana. Laplanche especifica, além disso, o confronto entre a sexualidade do bebê e a do adulto em termos de mensagens enigmáticas que a criança deve traduzir na sua própria linguagem. Mas, por que essas mensagens têm tal impacto para o bebê? Por que ele está tão interessado nelas? O que as torna tão intrigantes e o mais das vezes problemáticas? O que causa o impacto que Laplanche lhes atribui?

A resposta de Laplanche ao problema é clara: “porque são enigmáticas”. O bebê é, por vontade própria, “autoteorizante” (1989, p. 132). O ser humano tenta incessantemente colocar o que lhe ocorre numa linguagem que compreende. A intrusão de mensagens enigmáticas força, assim, o bebê a embarcar em uma busca para decifrar seu significado. Ele tenta traduzir essas mensagens de tal modo que possa atribuir-lhes um lugar no seu próprio mundo de significados.

Assumindo essa verdade, parece-me que as explicações de Alice e Michael Balint acerca da relação com a mãe nos permite iluminar ainda mais o impacto das mensagens enigmáticas do adulto sobre a criança. Mais especificamente, isso esclarece por que essa necessidade de tradução muitas vezes assume um caráter intenso. Essas mensagens, na verdade, entram fundamentalmente em conflito com a unicidade e o caráter insubstituível que, segundo Alice Balint, conforma a relação do bebê com a sua mãe. Elas são como lembretes permanentes de que a mãe tem interesses que não envolvem o bebê e o seu cuidado. Elas perturbam a pressuposição fundamental sobre a qual essa relação está baseada, do ponto de vista do bebê, e devem, portanto, ser neutralizadas. O bebê só pode alcançar essa meta traduzindo as mensagens de maneira que reduza a sua “estranheza”.

Tudo isso quer dizer que, mesmo que o amor-objeto primário tenha a sua dinâmica e esta possa (e deva) ser distinguida teoricamente da sexualidade, na prática, ele está sempre e inevitavelmente infiltrado pela sexualidade adulta. O que implica que todo bebê está necessariamente situado diante de dois problemas diferentes, mas intrinsecamente conectados: a desilusão do amor-objeto primário e o confronto com a sexualidade adulta para o qual ele não encontra uma solução. Talvez possamos resumir essa situação como segue: “todo bebê deve achar uma resposta para a falta de sintonia entre o mundo do adulto e o mundo do bebê. Essa falta de sintonia pode ser considerada um *a priori* antropológico do qual nenhum bebê pode escapar” (Laplanche 1989, pp. 104-48).

Essa idéia também nos obriga a reconsiderar o estatuto do complexo de Édipo e de castração. Sugiro, na minha leitura de “Sobre a sexualidade feminina” de Freud, que esses complexos poderiam ser respostas a um problema mais fundamental. Nesse texto, o próprio Freud define o problema em termos de uma hostilidade original em relação à mãe. Nossa leitura de Balint e Laplanche torna possível articular ainda mais esse problema em termos de uma “confusão de línguas” constitutiva (Ferenczi) entre o bebê e o adulto.

Por que minha mãe sempre me decepciona e o que a leva sempre para o outro? Com certeza, o bebê não conhece a diferença sexual, mas ele está, ao mesmo tempo, necessariamente confrontado com ela via mundo do adulto e tem de lhe dar um significado. As falhas do primeiro objeto de apego (*attachment object*) e a sexualidade adulta são um enigma (Laplanche) para o bebê, um enigma que ele tem de responder e traduzir para seu próprio mundo. O complexo de castração e de Édipo vêm ajudá-lo nesse sentido. São racionalizações que tornam possível criar ordem na confusão e incompreensão originais que, necessariamente, caracterizam a vivência infantil de vínculo e exposição à sexualidade adulta. Pode-se imaginar que o bebê pensa que está sendo decepcionado pela mãe porque ela também ama o pai, e que a criança logo suspeita – ainda que de modo confuso – que isso tem algo a ver com a diferença sexual que ela tenta interpretar em termos de castração.

Na conclusão, tentarei desenvolver um pouco mais essas idéias acerca do significado antropológico e do estatuto do complexo de Édipo. Elas também tornam possível reconsiderar o problema do seu suposto caráter universal.

### **Conclusão: até que ponto são universais o complexo de castração e de Édipo?**

Partimos da imperfeita sintonia mútua do mundo do adulto e do mundo do bebê. Não obstante, o mundo do adulto não apenas apresenta um problema para o bebê; ele também oferece as soluções para o problema. Desde o tempo do seu nascimento, o bebê está exposto à integridade dos desejos e fantasmas dos pais – e, por extensão, do adulto –, nos quais ele funciona como um objeto em si. O complexo Édipo e de castração são, em primeiro lugar, o complexo de Édipo e de castração dos pais ou do adulto. O bebê obtém, assim, as “formas” nas quais os enigmas originais podem ser traduzidos, trazidos do mundo do adulto. O bebê não é

somente confrontado com um problema que não pode resolver; ao mesmo tempo, ele é convidado para participar de um mundo de simbolizações (culturais) que o habilita a dar a esse problema um lugar na sua vida psíquica (Laplanche 1989).

A referência, entretanto, a simbolizações (culturais) não implica imediatamente que os complexos de castração e de Édipo, tal como formulados por Freud, têm caráter histórico e contingente, que não podem ser universais, como pensou Freud baseado numa teoria da evolução altamente contestável? Toda cultura não dá a sua própria resposta à imperfeita sintonia entre o mundo do bebê e o mundo do adulto? Nessa questão, quem pode negar que, na formulação freudiana, o complexo de Édipo retira muito da família nuclear tradicional e da ênfase sobre o papel decisivo do (da lei do) pai que a caracteriza? E também que a tematização de Freud da fase fálica implica um número de decisões teóricas que não podem ser compreendidas à parte da cultura na qual ele viveu? Freud declara, por exemplo, que a menina não tem sensações corporais que a tornariam consciente da existência da vagina (Freud 1933, p. 118). Essa declaração é altamente problemática, para dizer o mínimo, mas também essencial para o raciocínio de Freud. Na verdade, ao negar que a menina tenha quaisquer experiências vaginais, Freud de fato introduz a primazia da experiência visual com relação à interpretação infantil da diferença sexual. Ao mesmo tempo, assume silenciosamente que o adulto não intervém de nenhuma maneira nos esforços do bebê para lidar com esse enigma. Freud não se refere em nenhum ponto aos efeitos do discurso dos pais sobre a experiência visual do corpo. Segundo a sua lógica, esse discurso não faria nenhuma diferença porque não iria corresponder à experiência corporal da própria menina. Numa cultura imersa em incompreensões e preconceitos em relação à sexualidade feminina e na qual a experiência corporal não é um tópico a ser discutido abertamente, é compreensível que um bebê interprete a diferença sexual em termos da presença ou ausência de um único órgão. No entanto, não é evidente que isso seja um fenômeno universal...

É claro que a maioria das simbolizações culturais da diferença sexual não corresponde à lógica binária da presença ou ausência que Freud considera ser uma característica estrutural do complexo de castração. Numa discussão com Groddeck e Bettelheim sobre o significado dos rituais de circuncisão, Laplanche indica que, em algumas das assim chamadas sociedades primitivas, a simbolização da diferença sexual tem, freqüentemente, um caráter bem mais ambíguo (Laplanche 1980, pp. 265-68 e passim). Muitos desses rituais envolvem não somente a remoção do prepúcio, mas também uma incisão que simboliza a feminilidade. Dessa maneira, esses rituais “primitivos” implicam não somente a afirmação de um sexo único, pela remoção daquilo que é remanescente da feminilidade (o prepúcio), mas também corrigem imediatamente o caráter unilateral da circuncisão por meio de uma incisão que serve como símbolo de feminilidade. Esta última também pode ser compreendida como uma afirmação de bissexualidade (ibid., pp. 249-50). Por conseguinte, a incisão não tanto remove algo (a lógica fálica), mas cria uma abertura. Ela cria o equivalente a um órgão feminino. Desse modo, o ritual primitivo da circuncisão introduz uma *lógica de diversidade* que não pode ser igualada à *lógica da diferença* de Freud (ibid., p. 310). Aqui a diferença sexual é simbolizada por um par de elementos, cada um com a mesma positividade, e não necessariamente pela oposição da presença e ausência de algo. Pelo contrário, o que está em causa é uma simbolização da diferença sexual que é, por natureza, muito mais complexa e ambígua.

A relatividade cultural dos complexos de Édipo e de castração freudianos não implica necessariamente, entretanto, que eles careçam de um núcleo universal que pode ser articulado de maneira independente. Na realidade, muitos autores compreendem o complexo de Édipo como uma estrutura (por exemplo, Green 1992, pp. 128-29; Perron e Perron-Borelli 1994). O complexo de Édipo, eles afirmam, revela os elementos constitutivos da subjetividade. Não é necessário mencionar que em diferentes sociedades não são sempre os mesmos personagens que assumem para si os vários papéis que são determinados por essa estrutura, o que não mo-

difica a sua função. Assim como há diferentes línguas e religiões, e todas podem ser classificadas sob um denominador comum, há diferentes “complexos de Édipo”, todos satisfazem as mesmas características estruturais (Green 1992, p. 145). Em outras palavras, o papel do pai pode também ser desempenhado por um tio ou por vários personagens simultaneamente, sem que precisemos deixar de falar em complexo de Édipo. Dessa forma, esses autores esperam descobrir o núcleo universal do complexo de Édipo, independentemente das suas particularizações culturais.

Essa abordagem “estrutural” é tão neutra (culturalmente) quanto esses autores gostariam que fosse? Green, por exemplo, chama a família de lugar do complexo de Édipo (1992, p. 128). Ele resume como segue o seu significado fundamental e estrutural:

Deve-se postular, desde o começo, esta estrutura triangular aberta na qual a mãe ocupa o elo central, porque ela é a única pessoa que tem uma relação corporal dupla, com o pai e com o bebê. Para mim, o que é essencial parece estar situado no momento da transição, quando a relação fusional da díade – duplicada ou complementada quando o pai surge na mente da mãe – é seguida pelo momento em que ele aparece efetivamente na realidade. (Green 1992, p. 141)

Ainda que essa descrição possa *nos parecer* confiável, Green não seria uma vítima do “familiarismo” que, com o “binarismo”, caracteriza a maioria das teorias psicanalíticas? Na realidade, mesmo que haja fundamentos biológicos e históricos para isso, permanece sendo essencialmente um fato contingente que o bebê seja criado por seus pais (Laplanche 1989, p. 124). Não há razão *necessária* para que a transição do nascimento à vida em uma comunidade deva acontecer numa família ou numa instituição que imite as características básicas da nossa vida familiar. Finalmente, não correria Green, desta maneira, o risco de tornar *nossa* lei do pai e dos efeitos psíquicos que essa lei tem *sobre nós* o modelo de *toda* lei?

Talvez não devamos buscar a universalidade do complexo de Édipo no tipo de solução que ele oferece, mas no tipo de problema para o qual ele oferece uma resposta. Todo bebê humano é confrontado com

o mesmo problema, para o qual ele deve dar uma solução para ganhar acesso à comunidade humana. É nesse sentido que nos referimos à sintonia imperfeita entre o mundo do bebê e o mundo do adulto. Duas linhas de força mutuamente conectadas influenciam esse problema. Por um lado, o bebê deve renunciar à mãe. “Mãe” tem um significado paradigmático nesse contexto. É um termo que designa um certo tipo de relação do bebê com o ambiente de nutrição e criação, que não é, em si, sexual. A primeira relação de vínculo é sempre, em maior ou menor grau, desapontadora. Para evitar ficar preso numa dinâmica potencialmente destrutiva, o bebê tem de assumir um lugar próprio que o libere do que ele experimenta como a arbitrariedade do mundo do adulto. Algumas vezes ele é imediatamente cuidado, outra vezes não. Contudo, essa arbitrariedade é apenas aparente. O que o bebê experimenta como arbitrariedade tem, de fato, a sua racionalidade nos desejos do adulto. O ambiente de nutrição e criação não somente deseja um bebê, mas apenas *este* bebê. Na própria relação de vínculo, o bebê já está sendo confrontado com significados que ele não pode compreender e que se referem à sexualidade adulta, isto é, no regime orgásmico e carregado de culpa do prazer-final governado pela diferença sexual. Todo bebê e toda sociedade devem apresentar uma resposta a esse duplo problema. O núcleo universal do complexo de Édipo é talvez nada mais do que essa tarefa humana – demasiado humana.

## Referências

- Balint, Alice 1939: “Love for the mother and mother love”. In: Balint, Michael 1994, pp. 109-27.
- Balint, Michael 1932: “Character Analysis and New Beginning”. In: Balint, Michel 1994.
- \_\_\_\_\_ 1935: “Critical Notes on the Theory of the Pregenital Organisations of the Libido”. In: Balint, Michael 1994, pp. 49-72.
- \_\_\_\_\_ 1936: “Eros and Aphrodite”. In: Balint, Michael 1994, pp. 73-89.

- Balint, Michael 1937: "Early developmental states of the Ego. Primary Object-Love". In: Balint, Michael 1994, pp. 90-108.
- \_\_\_\_ 1947: "On Genital Love". In Balint, Michael 1994, pp. 128-40.
- \_\_\_\_ 1994: *Primary Love and Psychoanalytic technique*. London, Karnac.
- Bowlby, John 1958: "The nature of the child's tie to his mother". *International Journal of Psychoanalysis*, n. 39, pp. 350-73.
- \_\_\_\_ 1969: *Attachment and Loss. vol 1: Attachment*. New York, Basic Books.
- Deleuze, Gilles e Guattari Felix 1972-73: *L'anti-Oedipe. Capitalisme et schizophrénie*. Paris, Editions de Minuit.
- Geyskens, Tomas e Van Haute, Philippe 2003: *Van doodsdrijf tot bechtingstheorie. Het primaat van het kind bij Freud, Klein en Hermann*. Meppel, Boom.
- Ferenczi, Sandor 1933: "Confusion of tongues between adults and the child". In: *Selected Writings*. London, Penguin, pp. 293-303.
- Fonagy, Peter 2001: *Attachment theory and psychoanalysis*. New York, Other Press.
- Freud, Sigmund 1953-74: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud (SE)*. 24 v. Tradução de James Strachey et al. London, The Hogarth Press.
- \_\_\_\_ 1905: "Three essays on the theory of sexuality". S.E. 7.
- \_\_\_\_ 1916-17: "Introductory lectures to psychoanalysis". S.E. 15.
- \_\_\_\_ 1931: "On female sexuality". S.E. 21.
- \_\_\_\_ 1933: "On Femininity". S.E. 22.
- Green, André 1992: "Oedipe, Freud et nous". In: *La Déliaison*. Paris, Hachette, pp. 69-147.
- Hermann, Imre 1936: "Sich Anklammern – Auf die Suche gehen". *Internat. Zeitschrift für Psychoanalyse*, n. 22, pp. 349-70.
- Klein, Melanie 1952: "Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant". In: Klein 1984, pp. 61-93.
- \_\_\_\_ 1984: *Envy and gratitude and other works*. New York, The Free Press.

- Laplanche, Jean 1980: *Castration, symbolizations (Problématique II)*. Paris, PUF.
- \_\_\_\_\_ 1989: *New foundations for psychoanalysis*. Oxford, Blackwell.
- \_\_\_\_\_ 1992: *Essays on Otherness*. London, Routledge.
- \_\_\_\_\_ 1993: *Le fourvoisement biologisant de la sexualité chez Freud – Les empêcheurs de penser en rond*. Paris, Synthélabo.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean-Bertrand 1985: *Fantasme originaire, fantasmes des origines, origines du fantasme*. Paris, Hachette.
- Mitchell, Juliet 1974: *Psychoanalysis and feminism – Freud, Reich, Laing and Women*. New York, Vintage Books.
- Perron, Roger e Perron-Borelli, Michèle 1994: *Le complexe d'oedipe*. Paris, PUF.
- Van Haute, Philippe e Geyskens, Tomas 2004: *A Confusion of tongues – The primacy of sexuality in Freud, Ferenczi and Laplanche*. New York, Other Press.
- Widlocher, Daniel et al. 2000: *Sexualité infantile et attachment*. Paris, PUF.